



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade

Christian worldview: the transformation of the Christian mind in contemporary

Daniel Barros de Lima*

Resumo

Este estudo tem por objetivo apresentar a possibilidade de viver plenamente a vida cristã em todas as esferas do conhecimento e da atividade humana, tendo como pressuposto fundamental a Soberania de Deus em todas as áreas da vida. O entendimento dessa cosmovisão cristã considera necessária a reavaliação do comportamento e influência cultural, recebidos pelas principais instituições humanas, o estado, a igreja e a família, que estabelecem padrões de comportamentos, dentre os quais devem ser percebidos àqueles que podem estar equivocados ante ao padrão das Escrituras, a qual tem como principal fundamento o reino de Deus na terra. Isso deve levar o cristão a compreender que a salvação de sua alma é apenas o ponto de partida para a transformação de sua mente, adquirindo uma cosmovisão cristã que não é subjetiva, no sentido de que o cristianismo seja mais uma mera verdade religiosa, mas objetiva, a partir do princípio, de que o cristianismo bíblico represente a verdade total sobre toda a realidade.

Palavras-chave

Cosmovisão. Cristianismo. Contemporaneidade.

Abstract

This study has the purpose the ability to fully live the Christian life in all spheres of knowledge and human activity, with the fundamental assumption the Sovereignty of God in all areas of life. The understanding of this Christian worldview considers necessary to reassess the behavior and cultural influence, received by the major human institutions, the state, the church and the family, establishing behavior patterns, among which must be seen to those who can be mistaken compared to standard of Scripture, which is based principally the kingdom of God on earth. This should lead Christians to understand that the salvation of his soul is only the starting point for the transformation of your mind, acquiring a Christian worldview that is not subjective in the sense that Christianity is

[Texto recebido janeiro de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Bacharelado em Ciências Teológicas. Licenciatura Plena em História. Especialização em Metodologia do Ensino Superior. Professor de História da Igreja e História da Teologia da Faculdade Boas Novas. Mestrando em História Social do PPGH-UFAM. Manaus/Am/Brasil. daniel.barros@fbnovas.edu.br

more a mere religious truth, but objective, from the beginning, that biblical Christianity represents the whole truth about all reality.

Keywords

Worldview. Christianity. Contemporaneity.

Considerações Iniciais

Esse estudo tem como principal objetivo maximizar o papel do cristão na sociedade contemporânea, pois a práxis desse entendimento, a saber, a consciência em ação, deve influenciar decisivamente os indivíduos os quais se relacionar. O entendimento de cosmovisão cristã está relacionado ao estilo vida cristã fundamentado no dizer de Cristo: “venha o teu reino...”. A palavra “reino” na teologia suscita uma variada discussão como um próprio campo semântico¹, no entanto aqui, será usada com o significado de padrão de comportamento e de caráter demonstrados na vida em sociedade.

De forma simples cosmovisão significa: “visão de mundo”. A visão que uma pessoa tem do mundo, do universo que a cerca e sua própria vida. Isso será demonstrado na vida prática de cada pessoa, pois aquilo que cada pessoa faz é fruto daquilo que ela acredita. Jesus disse que estabeleceria sua Igreja e as portas do inferno não prevaleceriam contra ela (Mt 16:18). Jesus estava falando de um estilo de vida o qual nenhum outro o resistiria. Portanto deve-se maximizar o papel do cristão na sociedade atual, bem como o entendimento prático de que sua visão de mundo influenciará decisivamente muitos ao seu redor, nos inumeráveis contextos onde estiver inserido.

O que é cosmovisão cristã?

Apesar dessa palavra não fazer parte de nosso vocabulário diário, ela sempre foi muito usada nos meios teológicos e filosóficos apontando para a visão de mundo como sendo um sistema de pensamento coerente para ser aprendido e vivido dia a dia. Uma mentalidade com forma e conteúdo. A visão que uma pessoa tem do mundo, do universo que a cerca, da vida. Isso será demonstrado na prática de vida de cada pessoa, pois aquilo que cada pessoa faz é fruto daquilo que ela acredita.

Para o cristão, a cosmovisão cristã vai colocar o entendimento do universo como criação de Deus, e todas as esferas de conhecimento, possíveis de estarem presentes na humanidade, como procedentes do Deus único e verdadeiro, Senhor do universo, comunicadas a nós por Cristo “... no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2:3). Por isso é necessário que cada cristão, tenha uma boa compreensão deste tema. Porque precisará também orientar os novos na fé nesse

¹ Campo semântico é o conjunto dos significados, dos conceitos, que uma palavra possui. A semântica se constitui sob a discussão e debates teológicos em todos dos possíveis significados da palavra, aqui, a palavra reino.

entendimento. Cosmovisão cristã, também, tem tudo a ver com o estudo da Educação; Ciência; Filosofia; Governo; Economia, Arte, Tecnologia, etc, pois são áreas de conhecimento e de atividades humanas que, para serem adequadamente compreendidas e exercitadas, não podem ser dissociadas dos princípios contidos nas Escrituras.

O estadista holandês Abraham Kuyper² certa feita disse: “Não há um centímetro quadrado da realidade sobre o qual Cristo não possa dizer: ‘É Meu’”.³ Portanto, deve-se entender que todas as coisas pertencem a Deus. Não há área nessa vida a qual Ele não possa reivindicar poder e governo. Dessa forma, também afirma-se que a base dos estudos da cosmovisão cristã deve ser o compromisso expresso na palavra que diz: “Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento...” (Lc 10:27) Sendo isso algo verdadeiro, o cristão deve entender seu chamado, que deve transcender infinitamente as quatro paredes da denominação a que pertence.⁴

A primeira vez que a palavra “Igreja” foi citada na bíblia, ela foi compreendida em outro sentido diferente do que se entende hoje. Na parte B de Mt 16:18 diz que “sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. A palavra grega utilizada por Jesus foi *Ecclesia*, palavra que já existia muito antes na Grécia Antiga e significava “assembleia, governo” formado por representantes eleitos dentre o povo livre, eram os principais cidadãos atenienses, os quais tomavam decisões importantes em várias esferas da sociedade, como, educação, saúde, comércio, segurança, bem-estar social entre outras. Portanto lidavam com o governo da cidade.

Aprendemos que, quando o Roma se torna império de todo o mundo, acaba por assimilar em sua cultura tudo quanto os gregos deixaram de útil, na política, educação, comércio, religião e língua, salvo algumas modificações, por isso esse período histórico é também chamado de greco-romano. Roma no ápice de seu Império também utilizou essa palavra para dominar povos não conquistados. Assim eles eram “chamados para fora” de Roma para uma missão especial entre os povos não conquistados: implantar uma cultura e

² Abraham Kuyper foi ministro da igreja reformada holandesa, importante político, jornalista, estadista e teólogo holandês. Fundou o partido antirevolucionário e foi Primeiro-Ministro da Holanda entre 1901 e 1905.

³ Kuyper proferiu a famosa frase em discurso inaugural da Universidade Livre de Amsterdã em 1880. Por acreditar que toda verdade vem de Deus, e que cada centímetro da criação pertence a Cristo, ele não apenas estabeleceu uma escola de teologia, mas uma universidade na qual todo o currículo, todas as artes e ciências eram parte de uma cosmovisão bíblica. Kuyper ensinou ali teologia, homilética, hebraico e literatura (FERREIRA, Franklin. *Abraham Kuyper: “A minha glória não darei a outro”*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/kuyper_gloria.htm>. Acesso em: 07 jan. 2015).

⁴ Para um estudo mais aprofundado de Abraham Kuyper a cerca de cosmovisão cristã verificar sua obra: KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. Nessa obra o autor apresenta o calvinismo não meramente como um conjunto de doutrinas, mas como um sistema muito mais amplo. Segundo Kuyper o Calvinismo é o canal em que se moveu a Reforma do século XVI, enriquecendo a vida cultural e espiritual dos povos que o adotaram. O sistema que hoje a igreja cristã deve reconhecer como bíblico.

estabelecer o reino que eles representavam em tudo quanto faziam morando nessas cidades.

Dessa forma os cidadãos dessas regiões acabavam desejando ser como os romanos, anelando adquirir a cidadania romana, pois ela representava um grande trunfo, (bem como hoje o é adquirir cidadania norte-americana) e principalmente representava uma espécie de selo de qualidade em tudo quanto faziam e produziam, pois era o melhor padrão de vida do mundo antigo. Ou seja, no tempo de Jesus, se entendia que Igreja era um grupo de cidadãos romanos, chamados dentre o povo comum, eles, mudavam-se para essas cidades e lá estabeleciam negócios, atividades comerciais, prestação de serviços, educação, etc.⁵

Quando Jesus utilizou essa palavra apontava aos discípulos que Ele também formaria sua Igreja. Não como alguns possivelmente pensavam numa espécie de modelo militar em que Jesus tomaria a espada e expulsaria os inimigos de Israel na força da guerra, mas, numa revolução no amor, uma revolução no coração dos homens, que onde estivessem seriam reconhecidos por um padrão de vida infinitamente superior ao comum, um padrão baseado em Cristo, no qual as pessoas também seriam impactadas pelo testemunho, pela obra deles, bem como por aquilo que eram. Tais pessoas ao redor desses discípulos não teriam outra reação a não ser desejarem ser iguais a eles, iguais a Cristo. Eis aqui um primeiro modelo de cosmovisão cristã empreendida pelo próprio autor, Jesus Cristo, que ao chamar pessoas tem em vista formar discípulos, formar uma Igreja para estabelecer seu reino na terra, isso é maior que religião, isso é cosmovisão.

Em busca de uma cosmovisão cristã

Nos últimos séculos percebe-se uma sutil mudança na mentalidade da igreja, e pergunta-se: Quando foi que perdemos essa cosmovisão? O que provocou essa mudança? Segundo, Augustus Nicodemus da reforma protestante até hoje muita coisa foi mudando, e deve ser repensada urgentemente:

A orientação teológica evangélica sofreu uma sutil mutação: de agostiniana e reformada, passou a se caracterizar por uma tendência predominantemente arminiana. Tal mudança acarretou várias consequências: a penetração no meio evangélico de sistemas como a teologia relacional; a invasão da espiritualidade mística centrada na experiência, fruto do reavivalismo pelagiano de Charles Finney; a depreciação da doutrina em favor do pragmatismo e o antropocentrismo no culto, na igreja e na missão, tudo isso produto de uma visão centrada do homem. Mas talvez a pior das consequências tenha sido a perda da

⁵ Para uma maior compreensão da expressão Igreja bem como da sociedade romana no primeiro século verificar: GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. v.2 Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p.505-526./MACARTHUR, John. *Escravo: a verdade escondida sobre nossa identidade em Cristo*. São Paulo: Fiel, 2012. p.33-44.

cosmovisão reformada, que serviria de base para uma visão abrangente sobre a cultura, a ciência e a sociedade, a partir da soberania de Deus sobre todas as áreas da vida. Sem isso, o evangelicalismo tem se inclinado a ações isoladas e fragmentadas na área social e política, às vezes sem conexão com a visão cristã de mundo.⁶

Dentre vários pormenores que carecem de análise nessa afirmação de Nicodemos, pode-se destacar a perda da cosmovisão reformada como sendo o maior prejuízo sofrido pela igreja contemporânea, que se apresenta como sendo um dos motivos principais para a criação de uma dicotomia⁷ que separa o mundo em que o cristão vive com categorias excludentes daquilo que pertence ou não Deus, além de deixar o fértil terreno do pensamento cristão aberto para proliferar a semente do antiintelectualismo nas fileiras da igreja.

Essa dicotomia está baseada no confronto “coração *versus* cérebro” e além de existir na igreja se estende também para a sociedade. O entendimento da cosmovisão cristã foi, e até hoje ainda tem sido obstruída por visões equivocadas de mundo, surgidas na história a partir da separação entre religião e estado. Essas visões dicotômicas são transmitidas na educação e na ciência, e em alguns momentos até mesmo assimiladas pela igreja cristã, que gerou e criou toda espécie de antiintelectualismo, no qual basicamente diz que o cristão não devia se envolver com os estudos ou em áreas do conhecimento e da ciência. Nancy Pearcey, uma historiadora da ciência, define bem essa dicotomia contando a seguinte história:

Em certa escola secundária cristã americana, um professor de teologia colocou-se à frente da sala de aula e, de um lado do quadro-negro, desenhou um coração e, do outro, um cérebro. Os dois desenhos ocupavam partes iguais do quadro. Virando-se para a classe, disse: O coração é o que usamos para a religião, ao passo que fazemos uso do cérebro para a ciência. Uma história apócrifa? Uma caricatura de anti-intelectualismo cristão? Não, a história foi narrada por uma jovem que naquele dia estava na sala. Pior, entre uns duzentos alunos, e ela foi a única que contestou. Pelo visto, os demais não acharam nada incomum restringir a religião ao domínio do “coração”.⁸

Portanto, criando uma separação entre o sagrado e o profano, uma dicotomia que separa o coração do cérebro, afirmando que o coração lida com a religião e o cérebro lida com a ciência e, portanto não merece receber atenção. Cria-se a partir disso uma separação entre a vida espiritual e a vida secular, separação esta que não é encontrada em momento algum nas Escrituras. Pelo contrário, o que vemos é que todas as coisas pertencem a Deus

⁶ NICODEMOS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 22.

⁷ Conforme o Dicionário Aurélio significa: Método de classificação em que cada uma das divisões e subdivisões não contém mais de dois termos.

⁸ PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 20.

(Rm 11:36) e seu domínio sobre elas deve ser manifestado através de seus filhos, a Igreja, (I Pd 3.15-16) tendo a garantia que Ele mesmo guardará nossa mente e coração nEle (Fl 4.7). Por isso Pearcey alerta para uma instrução mais sólida e persistente aos jovens cristãos:

Na função de pais, pastores, professores e líderes cristãos de grupo de mocidade, vemos constantemente os jovens humilhados pela contracorrente de tendências culturais poderosas. Se tudo que lhes dermos for uma religião do “coração”, não serão bastante fortes para se oporem à isca de idéias atraentes e perigosas. Os jovens crentes também precisam de uma religião do “cérebro”, educação em cosmovisão e apologética para equipá-los na análise e crítica de cosmovisões concorrentes que eles encontrarão no mundo afora.⁹

Essa busca deve ser muito mais um esforço prático diário, do que meramente um entendimento teórico sem nenhuma ação, tal como exemplificado, por Jesus quando disse que seu Reino era tomado por esforço. Essa tarefa embora de simples compreensão, requer encargo e comprometimento (Mt 11:12).

Deve-se buscar reconhecer e compreender que Deus quer atuar através dos seus, perceber que já há um ambiente propício para isso, em uma profissão no trabalho, na escola, na faculdade, na família, nas amizades. É um esforço de integridade no caráter, um cuidado de não transmitir às pessoas outro padrão inferior àquele que Deus ensina em sua Palavra. Deve haver uma busca por conhecimento nas áreas em que cada cristão trabalha ou exerce influência. Deus com certeza usará cada parte da vida cristã para a glória de Seu nome, pois a glória requer antes o sacrifício (Rm 8:17). Nancy Pearcey também fala sobre esse processo de busca dizendo que:

se nosso propósito é ter a mente de Cristo, devemos primeiro estar dispostos a nos submeter ao padrão de sofrimento que Ele modelou para nós. Devemos estar na expectativa de que o processo de desenvolvimento de uma cosmovisão cristã é uma luta árdua e dolorosa. (Lc 9:23) Primeiro interiormente, ao desarraigarmos os ídolos de nosso padrão de pensamento, e depois exteriormente, ao enfrentarmos a hostilidade de um mundo caído e descrente.¹⁰

Portanto a força de cada cristão para tal tarefa deve vir da união espiritual com Cristo, reconhecendo que o sofrimento é a rota principal para se conformar à sua imagem. Pela graça de Deus, é possível fazer uma diferença significativa de influência em quaisquer esferas de atuação pública, tendo em mente que crucificar a apetência pelo sucesso, poder e aclamação pública pode trazer sobre cada cristão a satisfação de ser parecido com Cristo.

⁹ PEARCEY, 2005. p. 20.

¹⁰ PEARCEY, 2005. p. 43.

Roger Olson descreve a teologia da cruz de Lutero enfatizando o quanto esse ensinamento ajuda o cristão a prevenir-se do triunfalismo, do orgulho e até do farisaísmo. A teologia da cruz está em constante oposição à teologia da glória, pois a teologia da cruz conhece a Deus pelos sofrimentos, e a teologia da glória conhece a Deus pelas obras, o que gera todo tipo de orgulho, arrogância, legalismo próprios da religião. O que se percebe é que a teologia da glória está sempre pautada e centralizada no homem que potencializa e superestima o poder e as capacidades naturais do homem, a passo que a teologia da cruz revela a verdadeira condição do homem necessitando sempre de ter mente e coração iluminados pela graça de Deus, pelo poder da cruz. Enfim, a reflexão teológica sobre a cruz permeia toda a obra e pensamento de Lutero.¹¹

Dessa forma não é de se admirar que as pessoas possam se chocar num primeiro momento ao afirmarmos que não somos membros de religião alguma. Deve-se sempre ter em mente que embora seja importante congregar, ser membro de uma igreja que está comprometida com o Evangelho simples da cruz, não somos membros de religião nenhuma em si, mas como Deus diz em sua Palavra somos raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus. Fomos chamados para representar o Reino de Deus, para “anunciar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pd 2:9).

Em outras palavras, as pessoas devem ser atraídas pelo o poder do Evangelho em nossa vida, muito mais pelo que elas veem em nosso estilo de vida, do que pelo “estereótipo religioso de crente” que necessariamente você nem precisa ter. Como já vimos Jesus nunca teve a pretensão de fundar uma religião, ou um movimento religioso, mas de fundar um Reino que não é exterior ou físico, mas é estabelecido nos corações e nas mentes dos homens. Uma cosmovisão que permanecerá inabalável e impactará todas as áreas de sua vida (At 5:34-38).

Cosmovisões em guerra: uma luta pela mente

No início dos anos 1990, o Dr. James Dobson e Gary Bauer procuraram identificar aquilo que viam acontecer com os jovens cristãos. A conclusão deles foi que: “... nada menos que uma grande guerra civil de valores está ocorrendo hoje na América do Norte”. Dois lados com cosmovisões tremendamente diferentes e incompatíveis estão travados em um conflito amargo que permeia cada nível da sociedade. A guerra, conforme Dobson e Bauer a descreveram, é uma luta “pelos corações e mentes das pessoas; é uma guerra de ideias”. E para efetivamente se envolverem nessa batalha ideológica, os cristãos precisam ter uma compreensão dos tempos e “saber aquilo que precisam fazer” (1 Cr 12:32).¹²

¹¹ OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p.389-392.

¹² NOEBEL, David. *Compreendendo as Seis Cosmovisões Dominantes no Mundo*. Disponível em: <<http://www.espada.eti.br/cosmovisao.asp>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

Exatamente como vemos hoje em nossa sociedade contemporânea existe uma chamada “Guerra de Cosmovisões”. Em um tempo de pós-modernidade está mais claro do que nunca que há uma batalha travada pela mente das pessoas. Paulo lembra aos colossenses (Cl 2:8) que tenham cuidado com filosofias vãs e enganosas baseadas no homem e não em Cristo. São esses sistemas filosóficos falsos que vemos hoje impregnados nas mentes das pessoas sobre os quais constroem seu estilo de vida, visões antropocêntricas da vida, colocam sempre o homem no centro, como a medida de todas as coisas. São cosmovisões humanistas que destroem a visão bíblica do homem e de Deus (Gn 1:26-28). São contra essas filosofias vãs enganosas que Paulo está advertindo, pois se fundamentam no homem, e não em Cristo.

Segundo J. P. Moreland e William Craig alguns citam Cl 2:8 como uma evidencia contra a filosofia, mas analisando a estrutura do verso, fica claro que a totalidade da filosofia não estava em jogo, antes a gramática grega indica que “vãs” e “enganosas” acompanham a “filosofia”, quer dizer a filosofia vã e enganosa era o tema da discussão, não a filosofia em si. No contexto Paulo advertia a igreja para não formar e fundar suas visões de mundo num sistema filosófico contrário a verdade de Cristo. As suas observações não pretendiam naquele contexto, representar ideias contrárias a respeito da filosofia como uma disciplina de estudo. Pois a filosofia foi extremante útil para a organização sistemática das verdades as quais tanto Jesus como Paulo ensinaram, bem como foi também útil para o desenvolvimento e formação da teologia na história.¹³

Poder-se-ia aqui citar diversos sistemas falsos como cosmovisões alternativas em nossa sociedade, mas em suma, representam todos os ismos dessa vida e o cristianismo para tantos é tratado como mais uma “religião” alternativa. Mas deve-se afirmar com razões plausíveis que a fé cristã genuína, representa a Verdade Total sobre toda a realidade, quer seja religiosa, filosófica ou científica. A verdadeira filosofia é segundo Cristo! O verdadeiro cristão deve analisar todas as coisas procurando “levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo”. (I Co 10:5) Não existe terreno neutro ou o cristão está em cristo ou, enganando-se, está fora dele.

Quando o cristão de hoje está inserido no mundo acadêmico, especificamente no ambiente da Universidade Pública, têm que está pronto para assumir grande responsabilidade, pois está diante da representação materialista e racionalista do mundo pós-moderno onde imperam a subjetividade e o relativismo sobre diversas coisas entre as quais o conceito de “verdade”. Deve está pronto, não como um religioso fundamentalista o qual de forma intransigente ao diálogo destrói qualquer possibilidade de contato com as pessoas que lidam e buscam o conhecimento, mas como alguém que pode apresentar contra-pontos de reflexão sobre postulados científicos e acadêmicos em seus próprios termos e dessa forma ter um discurso coerente. De forma geral o que se vê hoje na

¹³ MORELAND, J. P. CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 35.

academia pode ser representado e identificado com um importante relato que faz Norma Braga:

Lembro-me de um acontecimento singular: ainda na graduação, portanto, nova convertida, fui a um congresso em outra cidade. Conferência após conferência, a palavra de ordem era “a verdade não existe”, repetida *ad nauseam*, não importava o tema proposto. No auditório lotado, as cabeças se inclinavam docilmente em assentimento.[...] Por que um congresso de Letras precisava ser tão dogmático quanto a uma questão filosófica tão complexa? Teria a linguagem se tornado uma espécie de instância última da realidade? O que eu estava fazendo ali, tomando parte, sem querer, de um mal disfarçado culto ao relativismo? [...] Eu não poderia tomar outro caminho e permanecer na academia? [...] Uma inferioridade fatal me atravessava e entristecia, mantendo-me calada ali. Eles eram a luz e eu o obscurantismo. Eles encarnavam a própria Inteligência Acadêmica, enquanto eu não passava de um esforço tímido e provavelmente ineficaz de reconciliação entre conhecimento científico e fé cristã.¹⁴

A história retratada por Norma Braga pode ser emblemática para a afirmativa a qual se faz aqui, de que o cristão deve ser inserido no campo acadêmico, na ciência e demais áreas, e mais que isso deve estar preparado para não retroceder ante aos desafios de seu crescimento intelectual. A autora cita no relato que era nova convertida e estava ainda na graduação e por isso deve ter sentido tal choque ao se deparar com a força do discurso acadêmico. A autora conclui sua experiência trazendo a tona um final inusitado e motivador para que continuasse sua trajetória acadêmica:

Uma noite, na casa de meus parentes daquela cidade, fiquei quietinha na cama, luzes apagadas ouvindo Elomar no walkman antes de dormir. Quando tocou Cantiga do Estradar eu *vi*, como em um *travelling* de cinema, todos aqueles professores do congresso sentados um ao lado do outro em uma grande tribuna. A letra dizia: “Legião de condenados/ nos grilhões acorrentados/ nas trevas da ignorância/ sem a luz do grande Rei”. Bastou para que Deus restabelecesse em minhas emoções cansadas a ordem correta das coisas. Desde então, aquele velho sentimento de inferioridade diante da *sapiência* acadêmica nunca mais me atingiu.¹⁵

Esse relato também se torna objetivamente importante tanto no desdobramento da mesma, como para ratificar que aquela estudante perturbada com muitos porquês veio se tornar posteriormente doutora em literatura francesa e engajada com uma cosmovisão cristã ativa na missão integral do Reino de Deus.

Como filósofo cristão J. P. Moreland também observa no pós-modernismo uma fortíssima abordagem filosófica principalmente na área da epistemologia, que transmite uma visão de mundo plenamente aceita hoje em dia. Falando em termos bem amplos,

¹⁴ VENÂNCIO, Norma Braga. *A mente de Cristo: conversão e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 38.

¹⁵ VENÂNCIO, 2012 p. 39.

Moreland diz: “O pós-modernismo representa uma forma de relativismo cultural sobre coisas como a verdade, a realidade, a razão, os valores, o significado linguístico, o ‘eu’ e outras noções”. Embora existam diversas formas de pós-modernismo, três valores são unificadores: (1) um comprometimento com o relativismo; (2) uma oposição às meta-narrativas, ou explicações totalizadoras da realidade que são verdadeiras para todas as pessoas em todas as culturas; (3) a ideia de realidades culturalmente criadas. Cada um desses comprometimentos tem o propósito de negar que exista uma cosmovisão ou um sistema de crenças que possa ser considerado como verdade absoluta.¹⁶

Não tem-se a pretensão de aprofundar aqui e esgotar o estudo em torno das cosmovisões humanistas alternativas dessa era, mas apenas citar em síntese como se orientam seus postulados filosóficos para que se possa além de conhecê-los bem, também refutá-los a partir do instante em que se chocam com a cosmovisão cristã.

Após o advento do Iluminismo houve, portanto, aquilo que chamamos de “triunfo da ciência” dentro da era razão, onde o homem a partir das técnicas resolveria todas as questões não resolvidas antes na história da humanidade, e com a maturidade da ciência solucionaria muitos problemas insolúveis. Dentre tantas coisas que deveriam ser eliminadas na sociedade, a religião e com ela a existência de Deus eram alvos de críticos racionalistas por assim dizer, de ateus e agnósticos. Dentre eles, os mais famosos pode-se citar aqui alguns, Ludwig Feuerbach,¹⁷ Karl Marx,¹⁸ Friedrich Nietzsche,¹⁹ Charles Darwin,²⁰ e Sigmund Freud,²¹ que em nome da razão como única possuidora da verdade consideraram a religião pura ilusão e esperavam com o recurso da natureza e da ciência desmascarar a alienação religiosa obtendo assim a transformação da consciência humana.

Urbano Zilles lembra da chamada “virada antropocêntrica”²² que modificou radicalmente a problemática de Deus afirma que nesse tempo a medida em que os cientistas explicavam os fenômenos da natureza, Deus era implacavelmente empurrado para fora da vida. O século XIX trazia então toda essa expectativa de transformação do mundo, bem como da mente humana. Desde o Iluminismo como se sabe em que conforme

¹⁶ MORELAND, 2005. p.185-196.

¹⁷ Ludwig Andreas Feuerbach foi um filósofo alemão. Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o seu pensamento exerce sobre Karl Marx.

¹⁸ Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

¹⁹ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor alemão do século XIX.

²⁰ Charles Robert Darwin foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual.

²¹ Sigmund Schlomo Freud, mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista e criador da Psicanálise.

²² Referência comumente usada para se referir a modernidade (a partir do século XVI) em que as ciências, visando a dominar a natureza através da descoberta da regularidade dos fenômenos naturais, dispensam a hipótese de causa primeira. A questão de Deus passa a ser tematizada não mais a partir do mundo, e sim através da mediação do homem e de suas relações com o mundo, ou seja, a partir da subjetividade.

dizia Kant era “a saída do homem da sua minoridade culpada. A minoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem a direção de outrem...”. O homem assim libertava-se da tutela da autoridade e da tradição.²³ Colin Brown fala desse movimento filosófico ateuista como parte do que chama de “Fermento do Século XIX” que acabou por levedar todo o campo do conhecimento científico tendo sua influência refletida nos séculos seguintes. Lembra que Feuerbach afirmou que: “A natureza, portanto, é o fundamento do homem, e aquilo que o homem depende e de que se sente dependente, nada mais é senão a natureza”.²⁴

Marx denuncia a religião como inimiga do progresso, é o suspiro da alma oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, e a alma em condições desalmadas. A religião é o ópio do povo, que ela faz o sujeito alcançar Deus sobre as nuvens, em vez de dar-se conta que o céu está sobre a terra. O crente suspira por uma felicidade ilusória para esquecer sua desgraça presente. Para libertar o proletariado e a humanidade da miséria e preciso destruir o mundo que gera a religião. Marx tem em mente que a luta entre as classes definia toda a história dos homens, e o vácuo deixado pela religião deveria ser preenchido pelo materialismo.²⁵

Já Nietzsche se considera um profeta e havia nomeado a si mesmo como porta-voz da humanidade, postulou a famosa frase: “Deus está morto”, bem como a doutrina filosófica do Nihilismo positivo ou reativo que em tese é a negação ou destruição de todos os valores adquiridos pela concepção judaico-cristã na história, para que haja assim uma construção de si mesmo e do outro. Nisto Nietzsche postula seu conceito de “super-homem”. Segundo Colin Brown, o super-homem nietzschiano é o homem que reconhece a situação humana, que cria seus próprios valores, e que molda sua vida à altura. Ele mesmo não desconhece a angústia, mas triunfa sobre a fraqueza, e a despreza nos outros.²⁶

Jesus Cristo certa feita chegou a dizer: “Cuidado com o Fermento dos Fariseus e dos Saduceus!” (Mt 16:6). Hoje juntamente com todo o espírito pós-modernista, humanista, e ateuista materialista de nosso mundo contemporâneo há aquilo que pode-se chamar de “fermento darwinista”. É uma cosmovisão evolucionista da vida que domina os círculos intelectuais acadêmicos contemporâneos, chegando a influenciar fortemente muitos dos próprios cristãos, tais como os supostos autodeclarados evolucionistas teístas, que tentam unir sua fé num Deus criador, ao processo teórico e sem evidências concretas de uma evolução macro-biológica do homem e de todas as espécies na história.

De acordo com Colin Brown o fator individual mais poderoso que minou a crença na existência de Deus nos tempos modernos foi de longe a teoria da evolução de Charles Darwin. Em geral não houvera um ato único e isolado de criação que havia sido praticado

²³ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 8-12.

²⁴ BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 114.

²⁵ ZILLES, 2011, p. 126-129.

²⁶ BROWN, 2005, p. 117-118.

de uma vez por todas. Havia duas partes principais em sua teoria, a evolução e a seleção natural, que postulam que causas naturais e espontâneas trouxeram a existência de todas as coisas, o universo e inclusive a vida e que na seleção natural houve a sobrevivência dos mais aptos. Isso é amplamente aceito baseado não em evidências científicas mais em hipóteses, mas que por causa do rótulo de ciência, e porque Deus não está inserido equação, a ideia acabou se fortalecendo e se estabelecendo nos círculos acadêmicos, naquilo que ousou também chamar de “fé dos cientistas”.²⁷

Vale ressaltar aqui o que ironicamente foi posto no prefácio de comemoração do centenário do lançamento do livro de Charles Darwin, “A origem das espécies”, prefácio escrito por W. R. Thompson. Ele declarou: “Se os argumentos não resistem a análise, deve-se negar a provação, e uma conversão em massa, devida argumentos sem base, tem de ser considerada deplorável. Os fatos e as interpretações em que Darwin confiava deixaram atualmente de convencer. As pesquisas há muito continuadas sobre a hereditariedade e a variação minaram a posição darwiniana”. Isso Thompson critica ainda em 1959. Agora venhamos e convenhamos a proposta de Darwin satisfizes certo apetite público, a agora passados mais de 150 anos, a teoria não evoluiu como se esperava, a não ser para se perceber que no ambiente acadêmico, o método se tornou doentio e a satisfação ilusória. Isso pode ser bem definido por uma única palavra poderosa: “Fé”. Uma fé com base é claro! Baseada em falácias de uma pseudociência que leva uma grande maioria de biólogos e historiadores e áreas afins a ficarem viciados em especulações e postulados que não se sujeitam a verificação.²⁸

Portanto, o que pode-se dizer com maior certeza, é que esses homens já morreram, mas, a força de seus escritos e postulados continuam vivos e ativos na mente de muitos hoje em dia, inclusive na universidade, bem como na educação. A este respeito bem falou o apóstolo Paulo admoestando seu discípulo Timóteo (1 Tm 6:20;21). Mas deve-se dizer sobre a necessidade de cada cristão amadurecido na fé e bem esclarecido na razão em Deus, enfrentar a leitura desses autores e seus postulados, somente assim será possível dialogar inserindo o pensamento cristão em quaisquer esferas da sociedade hoje em que esses postulados estão inseridos.

A este respeito um fragmento de um texto oportuno “A Igreja e a Universidade” adverte bem cada cristão que está inserido na academia, sem omitir a igreja de sua responsabilidade e de certa culpa em um passado não tão distante:

Atualmente vivemos um processo com dadas contradições. Por um lado, cresce o número de estudantes e de professores evangélicos nas universidades, enquanto a igreja alimenta atitudes ainda de medo e de desconfiança, e não consegue dialogar com a universidade brasileira. Por outro lado, esta mesma universidade nasceu amamentada no berço

²⁷ BROWN, 2005, p. 123-124.

²⁸ BROWN, 2005, p. 125-126.

positivista e racionalista, cresceu alimentada pelo marxismo crítico e militante [...]. Estas heranças excluem a teologia como um saber equiparado aos demais da tradição ocidental moderna. Quem sabe este seria o cenário oportuno para a Igreja repensar sua atitude, pastorear os seus jovens estudantes, acolher os professores e pesquisadores com suas demandas intelectuais, abraçar a sua missão integral na academia e abandonar o medo do saber (anti-intelectualismo). E, se este ensoberbece ele deve ser questionado na sua soberba. O saber, de fato ensoberbece, mas a intolerância mata.²⁹

Como já foi dito aqui, ter a mente de Cristo significa estar disposto a uma submissão ao padrão de sofrimento que Ele modelou para os seus. Não deve-se, esperar uma reforma na igreja institucionalizada, mas, deve-se buscar individualmente a reforma da mente, da mentalidade, na forma de pensar, na visão de mundo, não esquecendo que o processo de desenvolvimento de uma cosmovisão cristã é uma luta árdua e dolorosa (Lc 9:23).

Ao contrário do que muita gente pensa a igreja não cresce e desenvolve na história necessariamente entre pobres e ignorantes. A Igreja tem uma riquíssima história de formação intelectual, na qual homens brilhantes, vultos da intelectualidade do passado empreenderam viver e escrever procurando influenciar imperadores, governantes, e intelectuais pagãos mais preocupados com a condição humana para levarem a fé cristã a sério senão aceitarem-no como verdade. Empregavam a razão filosófica, esforçavam-se para comunicar o Evangelho ao mundo mais amplo da cultura pagã numa sociedade hostil, de modo muito semelhante ao esforço de Paulo em Atenas. O que dizer do exemplo dos pais da igreja antiga, Justino, Tertuliano, Clemente, Orígenes, Agostinho entre outros, que defendiam a fé pela razão em um mundo perverso e decadente. Roger Olson destaca uma dupla missão dos grandes mestres cristãos alexandrinos Clemente e Orígenes em uma Alexandria cosmopolita, diversa e plural da época:

Essa era a dupla missão dos grandes mestres cristãos alexandrinos: demonstrar a compatibilidade do melhor do pensamento grego com as crenças cristãs e demonstrar a superioridade do cristianismo, como pináculo da verdade acima do pensamento grego e de todas as demais filosofias e cosmovisões alternativas".³⁰

Aqui está uma rica descrição a cerca da função e do propósito que tinham esses mestres, uma representação típica da antiguidade do que significava viver em um contexto carregado de diversidade e pluralidade e principalmente de ideias conflitantes. Tal como foi com o pais da igreja antiga, não seria esta a "nossa" mesma missão em tempos pós-modernos, onde os ataques vem de todos os lados, sem que haja a mínima

²⁹ SANTOS, Lyndon de Araújo. *A Igreja e a Universidade*. Disponível em: <<http://www.ultimo.com.br/conteudo/a-igreja-e-a-universidade>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

³⁰ OLSON, 2001, p.81.

ponderação da verdade? Ou que se conheçam claramente o que pensamos, e que fazendo isso concluam que o que pensamos pode realmente ser superior a quaisquer ideologias, vãs filosofias e cosmovisões alternativas de nosso tempo? Onde o humanismo materialista e o ateísmo acadêmico metodológico permeiam a mente das pessoas, principalmente dos jovens na universidade?

J. P. Moreland e William Craig ratificam essa urgente contextualização do discurso cristão quando elencam vários outros autores proeminentes que se valeram do uso e instrumento da filosofia para a causa cristã. Como Agostinho quando disse: “Devemos mostrar que as nossas Escrituras não estão em conflito com tudo aquilo que os nossos críticos podem demonstrar sobre a natureza das coisas com base em fontes confiáveis”.³¹ Assim como C. S. Lewis que observou a aplicação da boa filosofia no exercício intelectual de cada cristão: “ser ignorante e ingênuo nessas circunstâncias – não estar apto para encontrar o inimigo no terreno dele – seria jogar ao chão nossas armas e trair nossos irmãos iletrados que não têm abaixo de Deus, qualquer defesa contra os ataques intelectuais do pagão, exceto nós. A boa filosofia deve existir, se não por outra razão, porque a filosofia ruim precisa ser contestada”.³²

Pode-se aqui dá o exemplo oportuno e feliz que faz D. A. Carson ao confrontar o espírito secularista presente nas universidades que supostamente é neutro em sua postura acadêmica, mas, que sob esse discurso acadêmico impõe sua visão de mundo aos demais:

[...] enquanto o indivíduo secularista quer que as outras religiões se restrinjam à esfera privada, ele insiste que eles têm o direito de controlar a esfera pública porque estão certos – completamente inconscientes de que estão tentando impor sua cosmovisão sobre os outros que dela discordam.³³

Mesmo diante desse ou de outros tipos de resistências próprias no universo acadêmico por assim dizer, deve-se reiterar aqui que, quando Jesus disse que estabeleceria sua Igreja, como já foi visto, ele não falara de uma igreja como instituição, uma religião ou movimento qualquer, mas garantia que nos daria um modelo a seguir, um estilo de vida, baseado nEle mesmo, o qual as portas do inferno não resistiriam (Mt 16.18-19). Cristo falara de portas como entradas, os caminhos espaçosos aos quais muitos entrariam enganando-se a si mesmos, que aqui pode-se considerar como sendo as cosmovisões equivocadas, os sistemas filosóficos falsos, mas os discípulos de Cristo jamais entrariam por elas, pois já possuíam as chaves de seu reino, as quais deveriam usar para conduzir a muitos pela porta estreita que conduz a salvação (Mt 7.13-14). Jesus não prometeu uma caminhada tranquila, mas garantiu uma chegada segura. Ele nunca disse que seria uma

³¹ MORELAND, 2005, p.28.

³² MORELAND, 2005, p.34.

³³ CARSON, D. A. *A Intolerância da Tolerância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p.123.

tarifa fácil (Jo 16.33). Qualquer modelo diferente desse não pode ser considerado o evangelho de Cristo.

Considerações finais

Ainda se reverbera em nossos ouvidos as palavras do mestre: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens...” (Mt 5:16). Cada cristão deve brilhar como luz nas trevas, em mundo caído e sem Deus, se tornar agente das obras que iluminam aqueles que estão em trevas e não sabem. Quando Jesus discriminou seus discípulos como “luz do mundo” fez o uso de um termo conhecido na época que conferia esse título a alguém que conhecia tudo, eram os intelectuais da época que por causa do conhecimento eram respeitados e atuavam nas variadas esferas públicas. O cristão deve se apresentar como portador da luz de Cristo, através de suas obras (Cl 3:17) nos variados seguimentos da sociedade como educadores, pedagogos, professores, políticos, comerciantes, empresários, profissionais liberais, etc. Tudo deve ser feito para a glória de Deus! (I Co 10.31).

O cristão deve ter consciência de que não tem uma fé cega, mas uma fé com entendimento, no sentido de que o “logos”, a razão, foi expressa por Cristo com total clareza quem ele É, garantindo nunca esquecer-se dos seus (Jo 14.26). A cosmovisão cristã é um aprofundamento do caráter espiritual e da transformação da mente na vida do cristão, e isso começa com sua submissão ao Senhor do universo.

Queremos finalizar este artigo lembrando o que diz o “Breve Catecismo de Westminster”. A questão 1 apropriadamente declara que “o fim principal do homem é glorificar a Deus”, tomando por alicerce principal dessa confissão os seguintes textos:

“E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” Cl 3:17.

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” 1 Co 10:31.

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” Rm 11:36.

Nesses textos há o emblema perfeito que aponta para aquilo que cada cristão é em Deus, o qual é Senhor Soberano sobre tudo e sobre todos. Portanto, não pode ficar indiferente as questões fundamentais da vida, pois dizem respeito à existência das pessoas ao seu redor, bem como à sua eternidade. Que sejamos sal e luz na terra!

Referências

AURÉLIO, *Dicionário*. CD-Rom, 2011.

BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CARSON, D. A. *A Intolerância da Tolerância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

FERREIRA, Franklin. *Abrahan Kuyper: "A minha glória não darei a outro"*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/kuyper_gloria.htm>. Acesso em 07 jan. 2015.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. v.2 Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MACARTHUR, John. *Escravo: a verdade escondida sobre nossa identidade em Cristo*. São Paulo: Fiel, 2012.

MORELAND, J. P. CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

NICODEMOS, Augustus. *O que estão fazendo com a Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NOEBEL, David. *Compreendendo as Seis Cosmovisões Dominantes no Mundo*. Disponível em: <<http://www.espada.eti.br/cosmovisao.asp>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativoiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *A Igreja e a Universidade*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/a-igreja-e-a-universidade>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

VENÂNCIO, Norma Braga. *A mente de Cristo: conversão e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 2011.